



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE ARTES  
LICENCIATURA EM TEATRO

GRUPO QUEBRACABEÇA DE TEATRO

MARLÚCIO EMÍDIO DOS SANTOS

Brasília/DF  
2013

MARLÚCIO EMÍDIO DOS SANTOS

GRUPO QUEBRACABEÇA DE TEATRO

Trabalho de conclusão do curso de Teatro,  
habilitação em Licenciatura em Teatro, do  
Departamento de Artes Cênicas do Instituto de  
Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Adailton Alves Teixeira

Brasília/DF

2013

MARLÚCIO EMÍDIO DOS SANTOS

GRUPO QUEBRACABEÇA DE TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – UnB no Instituto de Artes-IdA no Programa Pró-Licenciatura em Teatro como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Teatro sob orientação do Professor MS. Adailton Alves Teixeira.

Porto Velho, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

---

Professor (a) Orientador e Titulação

---

Professor (a) e Titulação

---

Professor (a) e Titulação

## **Dedicatória**

A meus filhos, Bruna, kauê, e Mylena

A meus pais, Marcilon Emído dos Santos e Raimunda Ferreira da Fonseca

A minha, amiga e comadre Professora Ângela Cavalcante Coelho.

.

## **Agradecimento**

Ao nosso coordenador Dr. Jorge Graça Veloso, pela orientação e atuação na coordenação do Pró-Licenciatura em Teatro – IDA/UnB.

Aos Professores, e orientador Adailton Teixeira, e Elcias Villar - TCC

À Professora, Ângela Cavalcante Coelho, coordenadora do Pró-Licen – IDA /UNIR/UNB – Porto Velho - RO.

As Professoras tutoras presenciais Beatriz, e Ana Maria.

Ao Programa do Pró-Licenciatura, seus coordenadores funcionários e Professores, que tanto contribuíram com minha formação neste programa.

Às professoras tutoras Maria Cristina Silva, Amanda Ayres, Eliana Severino dos Santos, Rayssa Aguiar, Sanântana Vicêncio.

## RESUMO

Esta monografia tem como objeto a análise do GRUPO QUEBRACABEÇA de teatro, a fim de identificar sua relação com as características do teatro como manifestação popular. Na pesquisa, a investigação fundamentou-se numa revisão da literatura sobre a perspectiva histórica do teatro popular a partir da Idade Média até a contemporaneidade, e a sua vinculação á vida cultural da cidade de Porto Velho-RO. Discutem-se as diferentes propostas estéticas presentes nas narrativas de teatro popular. Dentro da perspectiva de estudo que analisou a presença do grupo no circuito cultural da cidade de Porto Velho, a partir dos relatos de dois de seus integrantes, a fim de situá-lo como um grupo de teatro popular.

Palavras-chave: Teatro; teatro popular; grupo teatral.

## **SUMÁRIO**

### **1. A CENA EM PORTO VELHO**

- 1.1 Contexto histórico
- 1.2 O teatro em Porto Velho

### **2 O QUE LEVOU OS INTEGRANTES A FAZEREM TEATRO**

- 2.1 As estratégias de sobrevivência do grupo
- 2.2 Temas tratados

### **3 ESPETÁCULOS**

- 3.1 Significados para a cidade
- 3.2 Aspectos Visuais: Figurinos e Cenários

## **CONCLUSÃO**

## **ANEXOS – RELATOS**

## **BIBLIOGRAFIA**

## INTRODUÇÃO

O teatro em Porto Velho é uma manifestação cultural que se caracteriza pela presença de público flutuante. Trata-se de uma forma artística que já se inseriu na identidade cultural do Porto-Velhense. Entre os grupos que atuam na cidade, identifica-se o **QUEBRACABEÇA DE TEATRO**, que também é o mais antigo na cidade, que trabalha espetáculos teatrais de autoria de seus componentes e de autores nacionais e internacionais.

O grupo tem como característica principal, a criação coletiva, ou seja, as decisões, adaptações e todo o processo criativo, são frutos da discussão de todos seus integrantes. Dentro de uma perspectiva libertária, não se identifica a presença de um líder, ou qualquer outro traço de hierarquia entre eles. Ao mesmo tempo, não tem uma constituição fixa, sendo o elenco, flutuante. Para sanar problemas de produção, são feitos convites a algumas pessoas para participarem, levando sempre a mudanças, acréscimos e afastamentos permanentes. Hoje, segundo a integrante Ângela Cavalcante, há em torno de cinco participantes em suas montagens e três membros permanentes, que trabalham tanto nas suas montagens quanto nas demais propostas do grupo.

Surgido em 1982, e hoje com 30 anos de existência, **QUEBRACABEÇA** se caracteriza como uma referência do teatro Rondoniense, tanto por suas especificidades marcadamente libertárias, quanto pela construção de uma estética particular, resultante de um processo permanente de pesquisa. Repleto de símbolos do cotidiano, o absurdo se mistura com o possível, onde as lágrimas e o riso podem significar mais que entendimento do que se passa no palco, graça ou comoção, o que o público presencia é a sua história, sua vida que é retratada muitas vezes por aqueles desconhecidos.

O foco deste trabalho é apresentar como se dá esse processo no grupo de teatro em epígrafe, seja no que se refere a seu universo criativo, seja quanto ao tipo de relações estabelecidas no momento da apresentação em ruas, praças, escolas, entre outros, onde tomam contato com um público diversificado, como crianças, adultos, e com as mais diferentes formações.



Outra característica é o humor, modalidade que se adéqua aos mais diversos tipos de personalidades encontradas nestes locais. A comicidade permite, ainda, a produção de um rico painel social, revelando diversos tipos que são encontrados no dia a dia.

## **1.1 A CENA EM PORTO VELHO**

### **1.1 – Contextos históricos**

Diz que por aqui, lá no alto da cachoeira de Santo Antonio morava um senhor de idade bem avançada que atendia pelo nome de Pimentel, e que tomava conta do único porto fluvial existente no Rio Madeira. Todos os navios que chegavam aportavam no porto do velho Pimentel e, ficando conhecida como Porto do Velho, e mais tarde Porto Velho.

Oficializada em 02 de outubro de 1914, Porto Velho foi criada por desbravadores por volta de 1907, durante a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Em plena Floresta Amazônica, e inserida na maior bacia hidrográfica do mundo, onde os rios ainda governam a vida dos homens, é a Capital do estado de Rondônia. Fica nas barrancas da margem direita do rio Madeira, o maior afluente da margem direita do rio Amazonas.

Desde meados do século XIX, nos primeiros movimentos para construir uma ferrovia que possibilitasse superar o trecho encachoeirado do Rio Madeira (cerca de 380 km) e dar vazão à borracha produzida na Bolívia e na região de Guajará Mirim, a localidade escolhida para construção do porto onde o caucho seria transbordado para os navios seguindo então para a Europa e os EUA, foi Santo Antônio do Madeira, província de Mato Grosso.

As dificuldades de construção e operação de um porto fluvial, em frente aos rochedos da cachoeira de Santo Antônio, fizeram com que construtores e armadores utilizassem o pequeno porto amazônico localizado 7 km abaixo, em local muito mais favorável.

Em 15 de janeiro de 1873, o Imperador Dom Pedro II assinou o Decreto-Lei nº 5.024, autorizando navios mercantes de todas as nações subirem o Rio Madeira. Em decorrência, foram construídas modernas facilidades de atracação em Santo Antônio, que passou a ser denominado Porto Novo.

Percival Farquhar, proprietário da empresa, que afinal conseguiu concluir a ferrovia em 1912, desde 1907 usava o velho porto para descarregar materiais para a obra e, quando decidiu que o ponto inicial da ferrovia seria aquele (já na província do Amazonas), tornou-se o verdadeiro fundador da cidade que, quando foi afinal oficializada pela Assembléia do Amazonas, recebeu o nome Porto Velho. Hoje, a capital de Rondônia.

A cidade nasceu e cresceu das instalações ferroviárias da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, através da exploração de borracha e posteriormente de cassiterita e de ouro. Moravam cerca de mil pessoas quando a obra da construção da Estrada de Ferro se concluiu geralmente seus residentes eram funcionários da empresa construtora. Tornou-se município em 1914, quando ainda pertencia ao Estado do Mato Grosso. Em 1943, com o município de Guajará-Mirim passou a constituir o Território Federal do Guaporé, que em 1956 passou a ser denominado Rondônia, e veio a ser elevado à categoria de Estado em 4 de Janeiro de 1982.

## **1.2 – O teatro em Porto Velho**

O teatro em Porto Velho começa como uma senhora chamada de dona Labibe Bartolo, que veio de Manaus para Porto Velho com apenas três anos de idade em 1912 conta o seguinte: na Rua da Palha tinha o cine-teatro "Fênix" construído todo de madeira e coberto de zinco, com palco para encenação de peças teatrais onde a mesma apresentava peças de datas comemorativas e a orquestra, piano que acompanhava a cenas dos filmes mudos, um bar e um salão de jogo de bacará. Era o único centro de diversão do povo e o paraíso dos malandros e desocupados.

Montagem de espetáculos teatrais que se tem notícia começou em Porto Velho, segundo muitos populares e intelectuais daqui, com a vinda para cá de Ângela Cavalcante e Alejandro Bedotti no ano de 1974, até então o que sabia de teatro era

apenas pequenas encenações em escolas em datas comemorativas. E para fazer teatro por aqui, usavam um único espaço, o da Escola Carmela Dutra. Existiam outros como os do Colégio Maria auxiliadora escola de freiras e, que não aceitava peça de teatro que não fosse do Colégio.

O grupo QUEBRACABEÇA, montou diversos espetáculos: *Doutor Tijolo* e a Turma sem Miolo, de Alejandro Bedotti para palco (que não tinha) e rua. Participam da Mostra da **CONFENATA** em 1982 e todos os festivais em Rondônia. Em 1986 *A Maravilhosa Estória do Sapo Tarô-Beque*, para uma temporada no Teatro Municipal de Porto Velho, no antigo Cine Parecis, nova aquisição do governo junto a prefeitura do Município. Montam com o próprio salário (do grupo) a **estrutura do palco e deixamos para a comunidade um palco belo, com uma** caixa maravilhosa (segundo um dramaturgo que pitou por aqui uns anos mais tarde), montamos *Romanceiro da Inconfidência* com alunos da Rede Pública em 81 e 82, onde eles dão aulas de teatro em escolas para alunos e professores.

NA UNIR – Universidade Federal de Rondônia, O grupo monta o teatro de bolso, sala 30, equipado com luz e som e arquibancada, numa parceria entre nós, UNIR e Prefeitura de PVH. Ai montam *Navalha na Carne, Revolução na América Latina, Quem casa quer casa*, e outros. Esse espaço passar a ser freqüentado por outros grupos que surgem nessa época e que também se apresentam ali.

Mas o teatro “espaço físico” foi arrasado pela burocracia da universidade e ficam com uma “Salinha”, cheia de velharia, ensaiando, dando cursos. A partir desse momento eles criaram um centro Cultural na Universidade.

Com a criação do centro cultural eles “o grupo” tem liberdade pra montar vários espetáculos: *O Moço que casou com a mulher brada*, uma peça medieval do Século 13, *Os sonhos de Tom e Theo*, *Rep e Heg*, de Arnaldo Miranda; *Quem casa quer casa*, de Martins Pena, *Faustino* de Eliane Ganem, *Meu Rio* de Alejandro Bedotti, todas sob a direção de Ângela Cavalcante pelo grupo QUEBRACABEÇA.

O grupo monta um cirquinho, “o Arco-Íris”, com teatro e mágicas (do Grupo), que se chamava “*espaço camaleão*”, que era uma tenda teatral, antes um trailer, do QUEBRACABEÇA, onde montamos a *Banda Picolé* de Alejandro Bedotti.

O grupo presa sempre a idéia de formação de plateia envolve as apresentações com entrada franca para todos os tipos de espectadores. O QUEBRACABEÇA é uma entidade sem fins lucrativos, sempre teve como objetivo principal a difusão da arte teatral visando uma compreensão crítica da comunidade em vistas a melhorar as condições de vida dos diversos tipos de público com temáticas que dizem respeito às carências coletivas como saúde, segurança, violência familiar, drogas, meio ambiente etc.

Sempre atuando de forma independente, o grupo procura parceria com empresas locais preocupadas em agir de forma direta com a comunidade, independente de sua vocação produtiva.

O grupo utiliza a rua, ou palco como espaço próprio para a crítica a contrariedade a esse sistema econômico, centrado no crescimento da cidade de Porto Velho e Estado de Rondônia, onde se mistura a classe burguesa com a menos favorecida, e aos grupos populares que se constituíram, sem dúvida, em focos expressivos de contestação que, aos poucos, conseguem furar o poder que pensavam ser imutáveis, é intransponível. Essa forma de resistência vem sendo assumida por meio de deboches, com a imitação engraçada de cenas do cotidiano da sociedade elitizada. Através dessa camuflagem, o teatro do QUEBRACABEÇA consegue discutir problemas importantes sobre a condição de vida do povo, rompendo com a sua resignação àquela dominação da classe mais abastada.

## **2. O QUE LEVOU OS INTEGRANTES A FAZEREM TEATRO**

Com a vinda de Ângela Cavalcante e Alejandro Bedotti para Porto Velho, eles trazem também o teatro que já faziam na cidade do Rio de Janeiro. Eles ajudaram a formar o primeiro grupo de teatro na cidade, que foi o Cipó. É importante ressaltar que eles não vieram para fazer isso, mas aqui encontram pessoas com as mesmas vontades: fazer teatro.

Lá do Rio de Janeiro trouxeram a peça *Panelândia*, de autoria de Alejandro Bedotti, apresentado nos fins-de-semana no parque do Flamengo-RJ, no ano de 1979,

espetáculo de formas animadas e um mímico (cozinheiro), ralando a vida diária numa cozinha, onde os personagens (*Sr. Filtro, Dona Caçarola, Dona Panela, Dona taça e outros utensílios de cozinha, vivem um drama existencial como cozinheiro*). Essas apresentações também se dava no Sesc-Rio de Janeiro e em Porto Velho apresentaram, no Sesc-Ro a partir de um curso, onde conheceram artistas locais, integrando o grupo, que na época não tinha ainda, o nome de QUEBRACABEÇA, mas sim, Del Silêncio que trabalhava também espetáculos de Mímica para adultos.

A partir daí surgiu o Grupo Cipó, que existiu pouco tempo, pois seus integrantes resolveram fazer trabalhos independentes. Ao se dividir, os integrantes formaram outros grupos, um deles foi o QUEBRACABEÇA.

Na época, Alejandro Bedotti passa ser funcionário do SESC-Ro e ministrar oficinas no SESC (Serviço Social do Comércio) e a partir das mesmas, no aniversário de Monteiro Lobato, dentro de uma semana de literatura, ele propôs a montagem da peça *Fala Bicho, e Dr. Tijolo e a turma sem miolo* de autoria do mesmo, surgindo assim, o grupo QUEBRACABEÇA. O SESC-Ro foi importante no início da história do grupo, afinal essa instituição patrocinou os primeiros espetáculos, assim como a circulação dos mesmos. No entanto, com a saída de Alejandro Bedotti o grupo perdeu o patrocínio e outra fase se iniciou. Mas não perdeu a referência, mesmo meio sem pai e sem mãe, continuou batalhando por um teatro independente de qualquer instituição.

## 2. O QUE LEVOU OS INTEGRANTES A FAZEREM TEATRO.

Eles, Ângela Cavalcante e Alejandro Bedotti, entram na Universidade Federal de Rondônia - UNIR através de concurso público. Mas, ao chegar àquela instituição senti necessidade do fazer teatral, começam então, com um teatro de transformação social, com pessoas da cidade, que pensam, e acham, eles com um histórico meio que revolucionários, mas conseguem formar um grupo através das oficinas.

Começam a fazer teatro trabalhando com quem estava dentro da universidade, buscam um nome para o grupo, encontram vários, mas ficam conhecidos como teatro universitário onde montam peças sem vínculo nenhum com o QUEBRACABEÇA.

Trabalhavam peças de teatro de rua, palco Italiano com uma indumentária menos despojada, mas sempre acabava caindo no teatro tradicional pois Ângela vinha do

teatro acadêmico e conseqüentemente o grupo voltava ao teatro tradicional. É isso também atrapalhava um pouco. O QUEBRACABEÇA muda o eixo, mas não morre, continua participando de movimentos enquanto discussão, propostas nas atividades teatrais ficando um pouco prejudicada por existência do grupo da Universidade.

Fica muito tempo na universidade, montaram um teatrinho chamado sala 30 e fazem vários trabalhos como: *Revolução na America do Sul*, *O moço que casou a mulher braba*, *Navalha na carne*, *Meu rio* e outros, mas o QUEBRACABEÇA continua, e emprestar o nome para vários eventos culturais e permanecem mais de 12 anos com o teatro universitário.

A sala 30 acaba, mas eles continuam fazendo teatro nas escadas da universidade. O QUEBRACABEÇA resolve volta à cena teatral, e retomam as montagens apresentando não só em Porto Velho como viajando para o interior do Estado.

A linha de trabalho é direcionada pra a farsa, pois o grupo chegar assumir trabalhos de outros grupos, pois seus componentes permanecem abertos a trabalhos na formas de se fazer teatro numa tentativa de retornar uma literatura onde tentam rever toda essa coisa do teatro acontecido, e que a farsa esta muito presente nos seus trabalhos, que o teatro tem aderido a essa linguagem, descompromissada com o publico que já viu na televisão, e precisa ouvi a verdade através do divertimento da farsa que não parece dura mas tem a dureza do teatro que é a dureza do fazer teatro.

## **2.1 As estratégias de sobrevivência do QUEBRACABEÇA**

A vinda do grupo para a federação de teatro dá-se, da necessidade de comunicação fora do Estado, pois fervia em outros Estados a Conferência-Confederação Nacional de Teatro Amador do Brasil, dai surge a necessidade de se expandir, os companheiros se juntam para compor nomes que possam representar o Estado, nomes como: Fernando Benicasa, Jango Rodrigues, Ângela Cavalcante, Alejandro Bedotti, Jota, Amauri, Osvaldo e Flávio Carneiro para uma discussão e ampliação do teatro e a resistência do grupo em participar de uma amostra de teatro em São Paulo. Ao informar o SESC-Ro sobre a viagem, Bedotti recebe resposta que será demitido caso embarque para São Paulo. Diante da ameaça entre ficar no SESC-Ro e fazer teatro, Bedotti prefere o teatro

Com a saída, o grupo e seu diretor, perdem o patrocínio e passam a produzir por conta própria seus espetáculos passando a ter autonomia. O grupo adquire um circo e passa a trabalhar com linguagem de circo "circo arco Iris", mas sempre buscando o questionamento em suas apresentações, foram montadas varias peças como *Saltimbancos*, peças de bonecos e outras. Algo muito dinâmico para a cidade de Porto Velho, pois se apresentavam em todos os lugares da cidade. E assim foram quase seis anos de intensos trabalhos onde no levou de um extremo a outro emocionalmente.

## 2.2 Temas tratados

Ecológicos, de debates, referentes às relações sociais, e humor. É muito difícil a escolha, definir sobre a questão, e sobre o tema, é mais desafiador ainda, a dificuldade é muito grande mesmo, mas sempre optamos por temas ecológicos, de debates referentes às relações sociais, e humor.



Figura 01 grupo atuando

Em cena atores: Alejandro Bedotti, Ângela Cavalcanti, Maria das Graças e Chico Sereba.

Foto: Valteir

## “Dr. Tijolo e a Turma sem Miolo”



Figura 02

Elenco: Ângela Cavalcanti, Alejandro Bedotti, Maria das Graças e Sereba

“Dr. Tijolo e a turma sem miolo”, tema ecológico com humor. A peça é um espetáculo que apresenta uma linguagem simples do problema de desmatamento e partindo chega-se ao desequilíbrio ecológico.

Tema tratado com humor sendo utilizadas diversas técnicas dentro da peça, como o boneco, e o trabalho corporal do ator, mascara e musica, para um texto de Alejandro Bedotti que versa sobre a invasão da Amazônia por grupos multinacionais, e esta situação é caracterizada pelo vendedor representante da Sanguessuga And Comporati.

#### “ A BANDA PICOLÉ”



Figura 03

Banda Picolé

Figura 03 recorde de jornal “Jornal Estadão”

Direção de João Luis, elenco Ângela Cavalcanti, Chico Sereba, e J Vieira

“A “Banda Picolé”, terma humor voltado para o publico infantil com texto Alejandro Bedotti e Direção de João Luis, elenco Ângela Cavalcanti, Chico Sereba, e J Vieira. Peça infantil como humor diverso. Em vários momentos do cotidiano, tendo como protagonista o palhaço picolé, picolé de verdade, quem chupa não pode mentir porque lhe acontecer coisas estranhas. Baseado na mentira do dia, a dia.



“A Banda Picolé” é um espetáculo lúdico com uma linguagem acessível a criança e adultos de todas as idades onde alegria, e ao mesmo tempo em que aborda determinada aspectos da vida diária.

### Espectaculo “Rio que rio é...Gente!”



Figura 04

Grupo atuando,

Atores: Fernando Benincasa, Jota Jota, Amauri, Jango Rodrigues, Tetê, Bosco e Ângela Cavalcante

“Rio que rio É... Gente” peça teatral de autoria: Alejandro Bedotti, tema relações sociais e ecológicas, ritos e mitos da floresta a história de um homem e uma mulher, em contato com a floresta, ritos e mitos que a povoam a floresta, através da relação com os personagens (pássaro urutaí, cobra grande, macaco prego, rio, floresta e terra) o homem e a mulher se encontram e desencontram no mundo que os rodeia,

### “NAVALHA NA CARNE”



Figura 05

Elenco: João Carlos Juruna, Arthur Naresi e Ângela Cavalcanti.

Tema, relações sociais a peça é um encontro de três personagens em um quarto de bordel: a prostituta Neusa Sueli, o gigolô Vado e o homossexual Veludo falam de suas vidas e expõem a marginalidade. Navalha na carne é uma metáfora da estrutura de poder entre as classes sociais brasileiras, uma vez que as personagens, embora pertençam ao mesmo extrato social, se dedicam a uma incessante disputa para dominar o próximo.

### “O Moço que Casou com Mulher Braba”



Figura 06

Elenco, Ângela Cavalcanti, Sandro Bassani e Marlúcio Emidio

Direção: Alejandro Bedotti

Tema: relações humanas. Gênero “farsa” O espetáculo narra a história do moço que casou com mulher braba e a arte que teve para dominá-la desde o momento em que se uniram. O texto medieval foi atualizado por Alejandro Casona (1903) e ainda é atual e de interesse de todos. A peça discute temas como poder e artimanhas das relações humanas e é uma comédia para toda a família.

“O Médico Camponês e a Princesa Engasgada”



Figura 07

Elenco: Ângela Cavalcanti, Marlúcio Emidio e Eri Oliveira

Inspirada em uma história do conde Lucanor (Gênero farsa), que viveu no século XVIII, O Médico Camponês ou a Princesa Engasgada é um conto medieval que deu origem à peça de Molière, Médico à Força. Que foi adaptada para os dias de hoje pela Autora carioca (Marcia Frederico), conta o desafio que um camponês enfrenta a se ver, de uma hora para outra, tendo que curar, não só a Princesa engasgada com uma espinha de peixe, como todos os doentes do reino - a astúcia e o acaso são seus aliados para enfrentá-lo.

O grupo tem muitos espetáculos no curriculum, e contribui muito para a cidade de Porto Velho, e Estado de Rondônia, através do teatro de rua, palco e performances sempre levando pros mais longínquos canto da cidade, a arte especular do teatro de uma forma democrática, versátil e desprendida ocupando o lugar que lhe pertence, a própria rua ou palco.

### **3 - ESPETÁCULOS**

#### **3.1 Significados para a cidade**

Significado é difícil responder por que deveríamos ter pesquisado junto ao público, mas nossa intenção é fornecer um teatro de qualidade, encenando obras que nos parecem significativas, para a divulgação de uma dramaturgia rica de literatura, questionamentos políticos e questões sociais, sempre pensando no divertimento.

Viajamos pelo mundo do teatro entrando em instituição como o SESC-Ro, sempre com muita cede de teatro, ministrando cursos de teatro em diversas regiões do Estado patrocinado pelo SESC-Ro.

Entramos no mundo do circo em busca de espaços apropriado para pratica teatral, uma vez que a cidade não tinha teatro. O grupo sai do teatro universitário onde já estava consolidado como teatro de grupo, e vai para as escadas da UNI-RO, por conta da burocracia do poder público.

Mergulhamos na farsa com espetáculos que mescla humor e risos, onde nossas apresentações levam sempre alegria é risos da platéia, mas não fugimos da raia, mesmo quando na ditadura tivemos que ensaiar para a Policia Federal pedindo que corta-se parte do texto.

O grupo QUEBRACABEÇA, nos seus 30 anos, de existência realizar pesquisa sobre a formação do ator, linguagem e dramaturgia, chegando à forma um repertório de 03 espetáculos, em sua maioria textos de autoria de Alejandro Bedotti, A mímica também faz parte do QUEBRACABEÇA, pois o diretor Alejandro Bedotti leva espetáculos de mímica e bonecos gigantes a evento popular, ou governamental.

Alejandro Bedotti, criar uma linha de pesquisa junto a jovens atores em todo Estado onde trabalha coletivamente com o grupo. O grupo procura novamente dessa vez sua pesquisa se caracteriza pelo estudo contínuo sobre a cidade de Porto Velho e seus habitantes e na construção de uma linguagem cênica que traz a poética do jovem brasileiro contemporâneo. Com seu fazer teatral, o grupo busca reconhecer e expressar sua cidade e seu tempo.

### **3.2 Aspectos visuais: figurinos e cenários.**

Com relação aos aspectos visuais: figurinos e cenários sempre trabalhamos confeccionando em sua maioria pelo grupo, com poucos gastos e, tentando uma fácil identificação pelo público a que é destinado. O figurino transborda naturalmente para o corpo do ator e tudo o que cerca; ele se integra ao patrimônio fundamental da representação, espaço, tempo, e ação iluminando assim seu movimento, mais seguro e concreto que qualquer outro sistema significante da representação, ou uso do figurino baseia-se em observações verificáveis, a partir de tramas de signos estritamente codificados. É por isso que a abordagem que a funcionalista da semiologia é especialmente apta para análise dos figurinos.

O figurino é no teatro, um embreador entre a pessoa física do ator e personagem da qual ele veste a pele e os aparatos. Perfeito agente duplo, ele é levado por um corpo real para sugerir uma personagem fictícia: podemos assim abordá-lo a partir do organismo vivo do ator e do espetáculo, ou então, a partir do sistema da moda que ele transmite da maneira, mais precisa possível tão precisamente quanto uma marionete a qual é muita confiável que a carne e a emoção humana.

O figurino de teatro é, de fato, ao mesmo tempo, vestido ou investido pelo ator e concebido externamente pelo figurinista e encenador. Sua descrição impõe então ao espectador um duplo olhar, ao mesmo tempo existencial e estrutural “o que isso vira para produção global”.

## CONCLUSÃO

O grupo QUEBRACABEÇA tem a essência popular no teatro, porque o público para quem dirige suas apresentações é o povo. O grupo pertence a esse universo também porque se alimenta de elementos da cultura local, mas de forma livre, não preocupada em pesquisar suas lendas ou contos, mais para criar uma empatia com o público, sobretudo no teatro de rua, palco e muitos dos seus espetáculos utilizam-se bonecos gigantes para apresentação de eventos publico.

O QUEBRACABEÇA toma o processo da criação de coletiva para tudo o que produz, é no teatro ritual e seu espírito de comunhão que está uma característica fundamental, também segue a linha proposta por Boal, o te-ato, que se concentra no autoconhecimento do ator

Desse modo retorno as perguntas iniciais: O teatro do QUEBRACABEÇA possui um discurso de resistência ao sistema capitalista ou é também um produto do mercado cultural e que aproximações têm as expressões artísticas porto-velhense atuais que o grupo representa, com o riso e a comoção experimentados pelo povo através do teatro popular em outros momentos históricos? A resposta diz respeito a uma atitude de não cumplicidade com o que é decidido pela Igreja, o Estado, e mercado está ligado a esse descontentamento deflagrado através do teatro como expressão dessa indignação do povo que as vezes ri da própria má sorte através da sátira e ridiculariza seus opressores através da paródia refletir sobre sua existência.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAKHTIN, Mikahil. A cultura popular na idade Média e o renascimento: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC 22.04.99

Fonte: Prefeitura Municipal

<http://www.portovelho.ro.gov.br/>

Estadão do Norte – Jornal da cidade Ed nº. Ano 82,83 e 84

CAVALCANTI, Ângela. Entrevista sobre o QUEBRACABEÇA

<http://www.revistaoprofessor.com.br/12.06.13>

<https://tramasdocafecomleite.files.wordpress.com/1706/13>

São Paulo